



Universidade Federal da Paraíba
Centro de Ciências Aplicadas e Educação – CCAE
Departamento de Ciências Sociais Aplicadas – DCSA
Curso de Bacharelado em Ciências Contábeis

A Atuação de Estudantes de Ciências Contábeis na Promoção da Educação Financeira no Vale de Mamanguape-PB

Economia, Educação, Gestão.

Janiedson Maike Silva da Costa - UFPB Campus IV- janiedsoncosta644@gmail.com
Prof. Dr. Joseilme Fernandes Gouveia – UFPB Campus IV- joseilme@dcx.ufpb.br
Prof.Dr. Leandro de Araujo Wickbolt – UFPB Campus IV- leandrowickboldt@hotmail.com
Prof.Dr. Daniel Cesar Franklin Chacon – UFPB Campus IV - danielchaconadv@gmail.com

Resumo

A presente pesquisa busca examinar como o auxílio em finanças, prestado por estudantes de Ciências Contábeis da UFPB, impacta o conhecimento financeiro de alunos do ensino fundamental e médio de escolas públicas em Mamanguape, Paraíba. Através de um estudo de campo com abordagens quantitativas e qualitativas, aplicamos questionários e realizamos entrevistas com estudantes e professores, visando compreender o nível de conhecimento prévio, as dificuldades encontradas e o interesse da comunidade escolar sobre o tema. Os dados coletados exibiram uma situação inquietante: diversos jovens não têm instrução financeira familiar e apresentam dificuldades ao manusear conceitos fundamentais, como taxas, financiamento e organização. O papel dos universitários da UFPB como colaboradores se mostrou eficiente ao relacionar o conhecimento especializado com a vivência dos alunos, incentivando um aprendizado mais simples e adequado. A pesquisa também indicou que a educação financeira, ao ser inserida no dia a dia da escola de maneira constante, pode modificar costumes, desenvolver o raciocínio e auxiliar na independência dos jovens perante os dilemas financeiros.

Palavras-chave: Educação financeira; Estudantes de Contabilidade; Metodologia.

1 Introdução

A educação financeira ganha destaque por se tornar uma competência essencial para que jovens e adultos possam crescer economicamente, especialmente em um mundo em que a instabilidade no cenário econômico é constante, devido as mudanças tecnológicas que impactam bolsa de valores e preços de fabricação de materiais consumíveis.

Segundo as análises de Norbiato (2023), sobre a música Estudo Errado de Gabriel Pensador, vemos uma crítica social direta a educação e vemos isso no dia a dia, no qual as escolas não ensinam coisas básicas sobre o que é inflação, para que serve determinados cargos na política, como realizar planejamentos e diversos itens, incluindo educação financeira que impactam diretamente na vida de jovens e adultos, levando-os a endividamento precoce, por uma má gestão dos recursos pessoais, devido à falta de conhecimento.

Diante de mercados complexos e da instabilidade econômica, saber planejar, investir e gerir o dinheiro é crucial para o bem-estar de todos (Lusardi & Mitchell, 2014). Um estudo recente da Serasa mostra que, no Brasil, 11,8% das pessoas endividadas têm entre 18 e 25 anos (Serasa, 2024).

Dados recentes do Mapa da Inadimplência e Renegociação de Dívidas no Brasil, divulgados pela Serasa, revelam que 11,8% dos inadimplentes no país estão na faixa etária entre 18 e 25 anos (Serasa, 2024). Essa estatística revela uma preocupante tendência de endividamento precoce, geralmente resultado de decisões financeiras mal planejadas. Tal realidade está diretamente associada à ausência de uma formação estruturada desde os primeiros anos de vida, como enfatiza Oliveira (2017), ao apontar que a falta de educação financeira dificulta o desenvolvimento de comportamentos conscientes e responsáveis no uso do dinheiro.

Considerando esse cenário, este **estudo visa** a aplicação de um projeto de educação financeira feito por alunos do curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), com a criação e supervisão do professor Joseilme Fernandes Gouveia, e realizado em escolas públicas da área do Vale de Mamanguape, na Paraíba. Através dessa atividade de extensão, os estudantes universitários funcionam como facilitadores do saber, auxiliando na educação de alunos do ensino fundamental e médio em assuntos ligados ao controle financeiro individual.

Nesse contexto, o presente trabalho tem como **objetivo geral** investigar como o apoio em finanças, oferecido por universitários de Ciências Contábeis da UFPB, auxilia no aprendizado sobre dinheiro de jovens do ensino fundamental e médio em colégios públicos do Vale de Mamanguape, na Paraíba. **Especificamente**, busca-se: determinar o grau de entendimento sobre finanças que esses alunos já possuem; analisar de que forma as iniciativas de extensão impactam suas atitudes e costumes financeiros; apurar as principais dificuldades enfrentadas na implementação de projetos educacionais sobre finanças nas escolas públicas da região; e propor métodos que fortaleçam a relação entre universidade e comunidade, promovendo a disseminação eficiente do conhecimento financeiro no ambiente escolar.

A investigação seguirá uma metodologia de campo, empregando ferramentas como questionários e conversas para entender o que os alunos pensam sobre a relevância da educação financeira, e também para descobrir as maiores dificuldades e chances na execução de projetos como esse. A expectativa é que os resultados alcançados ajudem a aprimorar projetos parecidos e ofereçam informações para a criação de políticas públicas que visem a disseminação da educação financeira em grande escala (Sofka; Grimpe; Kaiser, 2022; Vieira, 2021).

2 Fundamentação Teórica

2.1 Educação financeira e tomada de decisões

Ter controle sobre o dinheiro é crucial para que as pessoas consigam fazer escolhas inteligentes e responsáveis sobre como usar o que têm. Isso envolve aprender a planejar, a criar orçamentos, a guardar dinheiro e a saber investir. A ideia é que, além de aprender coisas técnicas, as pessoas se tornem independentes e questionadoras em relação ao mundo da economia, que muda muito e é cheio de detalhes.

Decidir o que fazer com o dinheiro é algo complicado, que envolve conhecimentos de várias áreas, como economia, psicologia, estatística, matemática e até sociologia. Coisas como o medo de perder, o uso de atalhos mentais e as tendências que temos podem influenciar muito nossas escolhas financeiras. Existem modelos que nos ajudam a entender como as pessoas comparam opções e escolhem a que parece ser a melhor. No entanto, estudos recentes mostram que

ainda precisamos melhorar a forma como ensinamos esses assuntos, unindo diferentes conhecimentos no aprendizado (Vieira, 2021).

Para a Economia, entender como as pessoas se comportam é fundamental, e a análise do pensamento racional é muito importante.

A Economia Tradicional se baseia na ideia de que as pessoas são racionais e buscam sempre o melhor resultado possível.

A Economia Tradicional, também conhecida como economia neoclássica, parte do pressuposto de que os indivíduos são agentes racionais que tomam decisões com base na maximização de seus interesses pessoais, como a utilidade no caso dos consumidores e o lucro no caso das empresas. Nesse modelo, os agentes possuem informações suficientes para avaliar custos e benefícios, e os mercados tendem naturalmente ao equilíbrio, ajustando oferta e demanda por meio do mecanismo de preços (Dornellas, 2020). Essa perspectiva foi fundamental para a construção de teorias econômicas clássicas e a formulação de políticas públicas voltadas à eficiência e ao crescimento. No entanto, apesar de sua influência duradoura, essa abordagem tem sido criticada por sua limitação em explicar fenômenos que envolvem comportamento coletivo, irracionalidades, desigualdades e fatores sociais que afetam as decisões econômicas.

Segundo Dornellas (2020), a economia tradicional, ao focar exclusivamente na racionalidade e nos modelos matemáticos, acaba ignorando aspectos subjetivos e complexos da realidade econômica atual, como as relações sociais, a sustentabilidade ambiental e os processos de exclusão econômica. A autora ressalta que esse modelo, embora ainda dominante, não é suficiente para compreender os desafios contemporâneos, o que justifica a busca por novas abordagens que integrem valores humanos, consciência social e inovação. Assim, compreender os limites da economia tradicional é essencial para construir pontes com modelos alternativos mais sensíveis à diversidade de contextos e necessidades da sociedade moderna.

Por outro lado, a Economia Comportamental surge como um contraponto relevante à economia tradicional ao incorporar fundamentos da psicologia cognitiva e social na análise das decisões econômicas. Essa vertente reconhece que os indivíduos, longe de serem perfeitamente racionais, estão sujeitos a erros sistemáticos de julgamento, vieses cognitivos e limitações emocionais ao lidar com questões como consumo, poupança, endividamento e investimentos (Samson, 2015). Ao invés de partirem sempre em busca do melhor resultado possível, como propõe a teoria clássica, as pessoas tendem a adotar estratégias mais simples e imediatas, muitas vezes optando por alternativas satisfatórias em vez de ideais.

Autores como Kahneman (2012), vencedor do Prêmio Nobel de Economia, demonstram que decisões financeiras são frequentemente influenciadas por fatores externos, como o modo como a informação é apresentada (efeito enquadramento), ou internos, como medo, ansiedade ou excesso de confiança. Além disso, normas sociais, hábitos culturais e experiências passadas também moldam a forma como os indivíduos se comportam diante de escolhas econômicas. A Economia Comportamental, portanto, permite compreender fenômenos como o endividamento precoce, a baixa adesão à poupança de longo prazo ou o consumo impulsivo, não como falhas individuais, mas como reflexos de limitações cognitivas naturais em um ambiente complexo e cheio de estímulos. Essa abordagem amplia o entendimento sobre a educação financeira ao reconhecer que informação e racionalidade não são suficientes por si só — é necessário também considerar o contexto psicológico e social em que as decisões ocorrem.

Entre os nomes mais importantes dessa forma de pensar, está Herbert Simon, que nos anos 50 já falava sobre a ideia de racionalidade limitada. Simon dizia que as decisões que tomamos dependem não só do tanto de informação que temos, mas também da nossa capacidade de entender e usar essa informação. Segundo ele, por causa da complexidade dos problemas e da falta de tempo e conhecimento, as pessoas costumam usar "atalhos" mentais — chamados de heurísticas — que ajudam a encontrar soluções boas o suficiente, mesmo que não sejam

perfeitas (Muniz, 2016; Vieira, 2021). Essa ideia mudou a forma como vemos as decisões, aproximando-as do dia a dia e das situações reais em que fazemos escolhas sobre dinheiro.

Assim, ensinar educação financeira exige mais do que só passar informações técnicas, sendo importante também pensar sobre como tomamos decisões que guiam nossas ações em relação ao dinheiro. Incluir a ideia de racionalidade limitada e os conceitos da Economia Comportamental nas escolas pode ajudar muito a formar pessoas mais atentas aos seus próprios hábitos de consumo, suas limitações e suas oportunidades. Investir em ensinar isso desde cedo é fundamental para melhorar a vida financeira de cada um e, como resultado, construir uma sociedade mais forte e sustentável economicamente.

A Economia Tradicional, apoiada na ideia do "homo economicus", imagina cada pessoa como um agente totalmente lógico, capaz de fazer escolhas de modo racional e metódico. Esse processo culmina na seleção da opção que oferece a melhor combinação possível entre o perigo e o benefício esperado (Gilovich, Griffin & Kahneman, 2002). Desse ponto de vista, a capacidade de raciocínio das pessoas é vista como quase ilimitada, eficiente e sempre focada em aumentar ao máximo a utilidade, o que sugere uma visão otimista e um tanto mecânica da habilidade de decisão dos indivíduos.

No entanto, essa abordagem clássica tem sido bastante questionada por estudiosos que defendem que as decisões na vida real raramente seguem os padrões ideais da racionalidade absoluta. Assim, surge a Economia Comportamental como uma proposta alternativa, que busca unir os conhecimentos da Psicologia à análise econômica, com o objetivo de criar modelos mais fiéis à realidade sobre o comportamento humano. Essa linha teórica se define como o estudo das influências mentais, sociais e emocionais nas decisões financeiras das pessoas (Samson, 2015). Ao contrário do que prega a economia clássica, a Economia Comportamental considera que as pessoas não agem sempre de forma racional, nem visam unicamente seus próprios interesses. Pelo contrário, seus gostos podem variar, suas avaliações podem ser afetadas por emoções e suas escolhas, influenciadas por vieses e atalhos mentais (Kahneman, 2012; Muniz, 2016).

Assim, o indivíduo não é mais encarado como alguém que busca otimizar seus ganhos, mas sim como um agente decisório com restrições, que muitas vezes se afasta das previsões dos modelos tradicionais ao usar heurísticas — processos mentais rápidos e intuitivos. Um dos grandes nomes dessa área é o psicólogo Herbert Simon, cuja obra foi crucial para a formulação da ideia de "racionalidade limitada". Já nos anos 1950, Simon contestou a ideia do homo economicus, defendendo que as pessoas decidem em cenários de informação incompleta, com pouco tempo e com habilidades mentais restritas (Vieira, 2021).

Em vez de seguir um processo de otimização complexo, as pessoas tendem a buscar soluções que sejam suficientemente boas — e não necessariamente ideais —, usando regras práticas e simplificadas que as auxiliem a enfrentar a complexidade do ambiente de decisão (Muniz, 2016). Ao considerar tais limitações mentais e situacionais, a Economia Comportamental propõe uma visão mais humana e acurada para compreender as atitudes financeiras das pessoas.

2.2 Educação financeira na Escola

Atualmente, as instituições de ensino valorizam cada vez mais a formação financeira, considerando-a vital para auxiliar os estudantes a aprimorarem suas capacidades de administração monetária de maneira sensata e consciente. A inserção dessa temática nos currículos escolares, sobretudo nos ensinos primário e secundário, representa mais do que o simples aprendizado de cálculos financeiros; implica preparar os jovens para enfrentarem as dificuldades econômicas e sociais que encontrarão.

Ao abordar temas como elaboração de orçamentos, poupança, consumo ponderado e investimentos, a escola desempenha um papel essencial na melhoria da qualidade de vida e do

bem-estar dos alunos. Uma pesquisa de Vieira (2021) indicou que a introdução da educação financeira já no início do ensino fundamental pode exercer uma influência notável no futuro dos estudantes.

O estudo, conduzido com alunos do 5º ano, demonstrou que o aprendizado transcende o conhecimento técnico, auxiliando na construção de valores, condutas e percepções relevantes acerca das finanças. Quanto mais cedo essa instrução se iniciar, maiores as possibilidades de os alunos internalizarem e aplicarem esse conhecimento em suas vidas. De modo similar, Xavier et al. (2021) destacam que o contexto familiar e social exerce um impacto significativo nas posturas financeiras dos jovens.

Contudo, a escola possui um considerável potencial para impulsionar transformações positivas, desde que o conteúdo seja pertinente ao cotidiano dos alunos. Brønstrup (2016) reitera que a educação financeira não deve ser vista como mera formalidade, mas sim como um compromisso sério com a capacitação dos estudantes. Para isso, ela precisa ser interdisciplinar e crítica, conectando áreas como Matemática, Sociologia e Economia.

Hartmann et al. (2021) propõem uma abordagem que vá além dos cálculos, incentivando reflexões sobre o impacto das decisões financeiras no cotidiano. A proposta é que os alunos vejam as finanças como parte de escolhas éticas e sociais, e não só como números. Já Janisch e Jelinek (2020) apontam que a implementação deve ser gradual e sensível à realidade local, como orienta a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Assim, fica evidente que a educação financeira na escola não é apenas sobre dinheiro. Ela forma cidadãos mais preparados para a vida, promovendo atitudes conscientes que afetam tanto o desenvolvimento pessoal quanto o coletivo.

2.3 Métodos de Ensino em Educação Financeira

O sucesso do aprendizado sobre finanças nas escolas está intimamente ligado às abordagens de ensino utilizadas para apresentar o tema. Em vez de apenas focar em fórmulas e ideias complexas, os professores devem incentivar o raciocínio lógico e a análise sobre como o dinheiro se encaixa na vida diária dos jovens. As técnicas de ensino precisam levar em conta a vida real dos alunos, suas vivências em família e sua cultura, buscando sempre conectar o que é ensinado com a prática, como apontam Janisch e Jelinek (2020). Eles enfatizam que é crucial adaptar o ensino às normas da BNCC, sem ignorar o ambiente em que os alunos vivem.

Dentro desse contexto, alunos de Ciências Contábeis podem ser importantes, atuando como facilitadores no processo de ensino. Com seu conhecimento em finanças, orçamento, investimentos e planejamento financeiro pessoal, eles podem ajudar a criar atividades de ensino eficazes, ligando o conhecimento da faculdade com a vida real dos estudantes. Brønstrup (2016) notou essa ligação, mostrando que atividades práticas e fáceis de entender são mais eficazes para o aprendizado. Estudantes de contabilidade podem organizar oficinas, elaborar simuladores de orçamento doméstico e desenvolver jogos educativos que auxiliem na compreensão de conceitos fundamentais de economia pessoal.

A pesquisa de Hartmann, Mariani e Maltempi (2021) aponta que métodos de ensino baseados em problemas reais, como o uso de séries periódicas para simular pagamentos e investimentos, são eficazes quando aplicados sob a ótica da Educação Matemática Crítica. Ao auxiliarem docentes na criação de tais tarefas, os alunos de Ciências Contábeis conseguem apresentar situações verídicas de acordos de crédito, faturas e cálculos de juros compostos, o que faz com que o estudo se torne mais concreto e relevante para o cotidiano dos estudantes. Essa união de saberes aumenta o interesse e facilita uma percepção mais ampla dos efeitos das escolhas relacionadas ao dinheiro.

Segundo Rossetto et al. (2019), uma formação financeira consciente deve se basear na análise e na troca de ideias. Em trabalhos com turmas da EJA, os autores notaram que os alunos

se dedicam mais quando notam que o conteúdo pode solucionar questões reais de suas vidas. Desse modo, o trabalho de alunos de Ciências Contábeis também pode ser ajustado para esses grupos, valorizando suas vivências e sugerindo alternativas simples, pessoais e adequadas, que se encaixem na situação financeira e social dos participantes.

Ademais, como Fernandes e Cândido (2014) apontam, mesmo entre universitários, a ausência de conhecimento financeiro pode gerar grandes dívidas. Esse dado reforça a importância de iniciar esse aprendizado o quanto antes, e demonstra como a experiência de alunos de Ciências Contábeis, que também lidam com questões financeiras, pode ser usada de forma compreensiva e próxima para guiar alunos mais novos.

Dessa maneira, os modelos de ensino em educação financeira se tornam mais completos e eficientes ao incluir atividades práticas e em grupo, principalmente quando contam com a presença de alunos de Ciências Contábeis como mediadores. Sua participação representa uma ligação entre o saber técnico e o uso diário, fortalecendo a formação de pessoas com consciência financeira, senso crítico e preparadas para as dificuldades econômicas da vida adulta.

3 Procedimentos metodológico

Esta pesquisa se concretizou por meio de um estudo de campo com elementos de intervenção, conduzido nas escolas públicas da cidade de Mamanguape, na Paraíba. A decisão de usar essa estratégia se deve ao desejo de entender de forma mais aprofundada e tangível os efeitos da educação financeira na vida dos alunos, priorizando o contato direto com o ambiente escolar e as experiências dos participantes.

A opção da pesquisa foi qualitativa com uma análise quantitativa, que, segundo Pereira et al. (2018), possibilita examinar eventos a partir da medição e do tratamento estatístico dos dados, sem ignorar o contexto em que esses eventos acontecem. Desse modo, essa escolha metodológica permite não só observar, mas também entender, de forma organizada e objetiva, como o conhecimento adquirido afeta as decisões financeiras dos estudantes.

O estudo teve como foco central a execução de uma iniciativa de instrução sobre finanças, criada pelo professor Joseilme Fernandes Gouveia e conduzida por estudantes de Ciências Contábeis da UFPB – Campus IV. Para a coleta de informações, elaborou-se um formulário eletrônico, divulgado através do Google Forms, buscando simplificar o acesso e o conforto dos participantes.

4 Apresentação e Análise dos Resultados

A pesquisa quantitativa foi realizada em quatro escolas do Vale do Mamanguape, a saber: EEEF Professor Luiz Aprígio, ECIT João da Matta Cavalcante de Albuquerque, EEEFM Frederico Lundgren e ECI Luiz Gonzaga Burity. Para escolher as instituições, levamos em conta sua forte presença na área e a facilidade de contato entre alunos e professores na hora de obter os dados. Criamos um questionário buscando entender como alunos e professores veem a importância de iniciativas de educação financeira.

As questões tratavam de assuntos como o que eles já sabiam sobre finanças pessoais, o quanto queriam participar de projetos do tipo, o que achavam do uso da tecnologia para ensinar finanças e o quão importante viam aprender sobre investimentos e planejamento financeiro. O questionário tinha perguntas de marcar, escalas Likert e perguntas abertas, onde pedíamos ideias de como os estudantes da UFPB poderiam se conectar novamente com os alunos do Vale do Mamanguape.

Para compreender as opiniões dos professores a respeito da implementação de iniciativas de educação financeira, realizamos entrevistas. Buscávamos identificar possíveis obstáculos e também formas de colaboração com universidades e entidades governamentais.

Adicionalmente, a análise dos participantes enriqueceu a coleta de dados. Efetuamos visitas nas escolas para acompanhar de perto o cotidiano escolar, as metodologias de ensino e a receptividade dos alunos em relação a atividades complementares, como apresentações e oficinas sobre o tema da educação financeira.

4.1 Perfil dos respondentes: a educação financeira e familiar no vale de Mamanguape

Para entender melhor a visão dos estudantes sobre a vida financeira universitária, conduzimos um estudo com 78 participantes. Utilizamos questionários e conversas aprofundadas, incluindo alunos desde o sexto ano até o terceiro colegial.

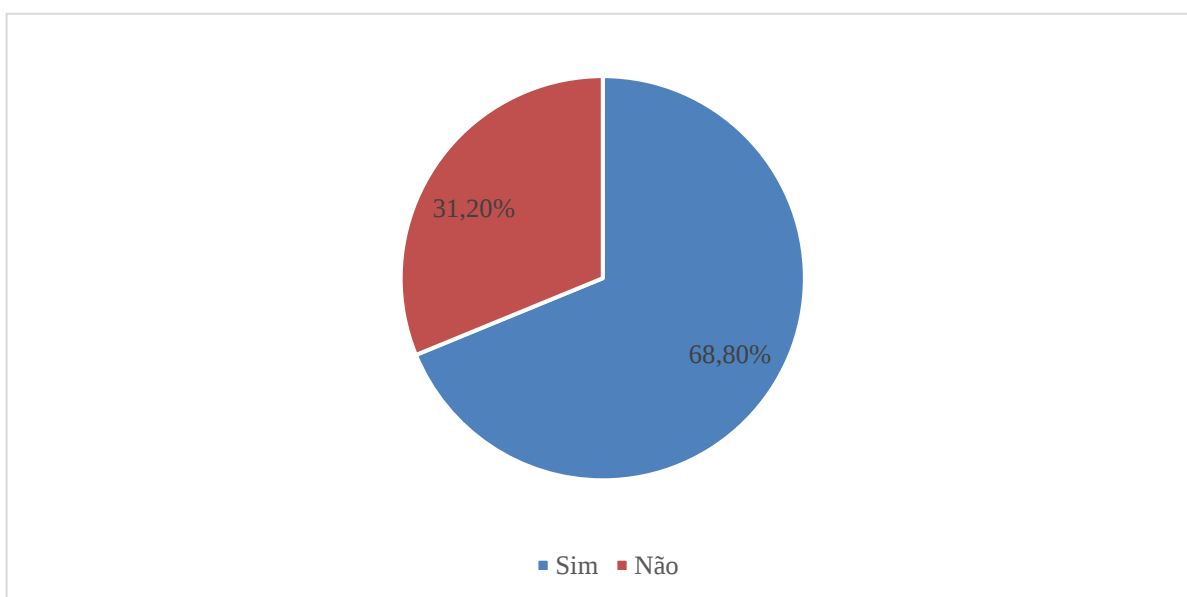


Figura 1: Você estudou educação financeira no vale de Mamanguape?

Fonte: Autoria própria.

A maioria dos participantes da pesquisa (63,6%) tem entre 15 e 18 anos. Já 9,1% têm entre 13 e 14 anos, enquanto 13% estão na faixa dos 19 aos 25 anos, e 14,3% entre 26 e 35 anos. Quanto à escolaridade, 68,8% cursam o ensino médio e 31,2% o ensino fundamental como mostrado na figura 1.

Sobre a relação com a UFPB, 39% disseram não ter nenhum vínculo com a universidade, enquanto 37,7% demonstraram interesse em ingressar nela. Essa influência demonstra a força que a universidade tem no Vale de Mamanguape pois os alunos já veem o campus como um pilar futuro para o ingresso no nível superior.

Esses dados fortalecem a aprovação pela maioria dos estudantes da região e da importância de aproximar a Universidade das comunidades da região, especialmente no que se refere a um tema de grande importância como o da educação financeira ainda no ambiente escolar.

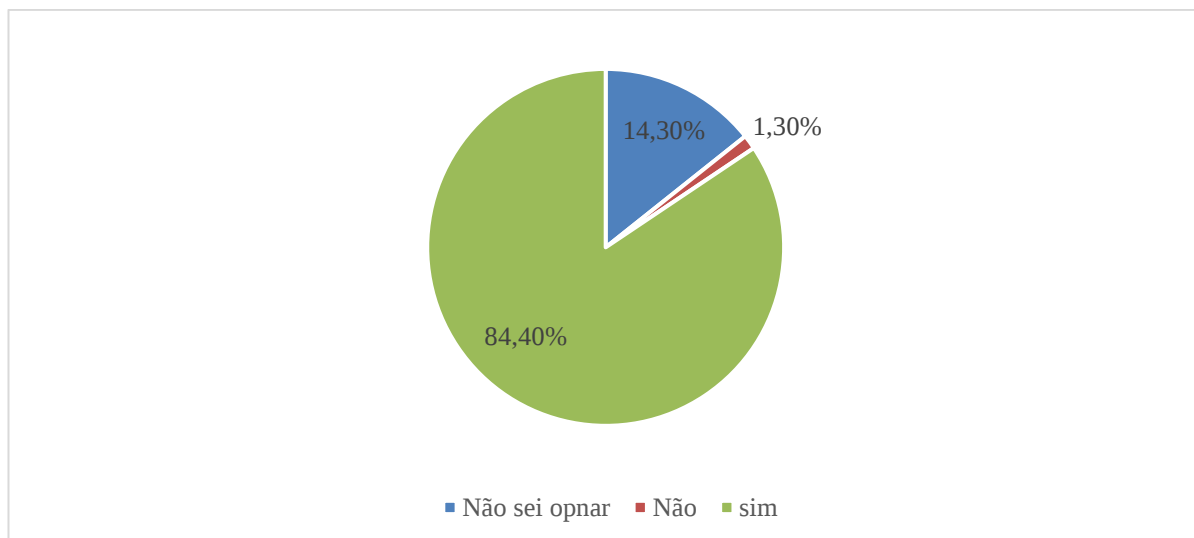


Figura 2: Você considera relevante a integração entre a UFPB e os alunos do ensino fundamental e médio das escolas do Vale de Mamanguape como forma de promover o ensino da educação financeira na região?

Fonte: Autoria própria.

Quando perguntados sobre a parceria entre a UFPB e as escolas do Vale do Mamanguape para fortalecer a educação financeira, 84,4% consideram essa união importante. Outros 14,3% preferiram não opinar e apenas 1,3% não veem valor nessa colaboração como mostra a figura 2.

Entre os entrevistados, 83,3% afirmaram acreditar que a UFPB pode ampliar sua contribuição para o ensino da educação financeira na comunidade. Outros 11,7% manifestaram incerteza, respondendo “talvez”. Quando questionados sobre o conhecimento de atividades ou programas de educação financeira promovidos pela universidade no Vale do Mamanguape, uma grande maioria, precisamente 50,6%, admitiu desconhecer tais iniciativas.

Um percentual de 27,3% demonstrou incerteza, enquanto apenas 22,1% dos participantes confirmaram ter ciência de alguma ação ligada ao tema. Sobre como lidam com o dinheiro em seu cotidiano, observou-se que 39% dos entrevistados estão empregados, 18,2% mencionaram receber uma quantia mensal e 42,9% selecionaram a alternativa "outros".

Adicionalmente, em relação às expectativas para o futuro, a maioria, representando 57,1%, expressou otimismo em alcançar uma vida próspera, ao passo que 36,4% preveem uma condição de vida considerada mediana.

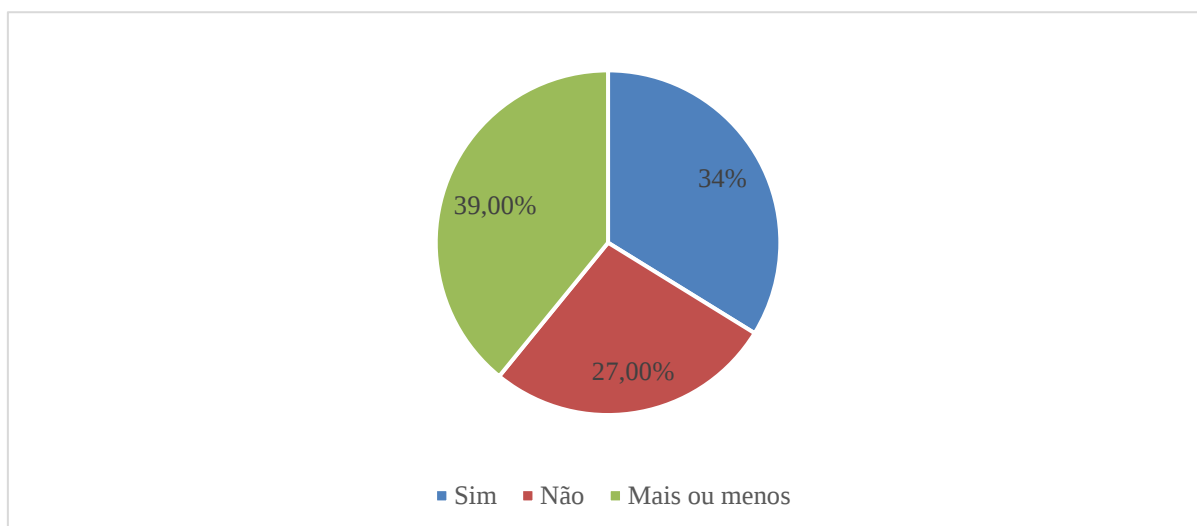


Figura 3: A educação financeira é uma prática presente na rotina da sua família?

Fonte: Autoria própria.

Os resultados da pesquisa revelam que somente 34% dos participantes relataram ter recebido instrução financeira em casa como ilustrado na imagem 3, o que demonstra uma falha significativa na educação familiar sobre o tema.

A educação financeira é mais do que apenas administrar o dinheiro; é sobre construir práticas ponderadas, programar, fazer escolhas sensatas e preparar um futuro financeiro mais sólido. Paralelamente, 59,7% afirmaram ter instruções não formais dos pais sobre como usar o dinheiro.

Contudo, este suporte ainda não é constante: 23,4% declararam não ter qualquer orientação, nem mesmo informalmente, enquanto 16,9% disseram receber apenas em parte. Em relação ao envolvimento nas decisões financeiras da família, 48,1% referiram participar, 28,6% não participam e 23,4% revelaram participar às vezes.

Adicionalmente, 94,8% julgam importante compreender conceitos como taxas, crédito e dívidas, e 98,7% creem que o plano financeiro é essencial para alcançar objetivos futuros. Sobre o planejamento para comprar algo caro, 63,6% dos questionados disseram poupar em compras menores, demonstrando que, mesmo sem instrução financeira certa, a maioria tem uma ideia básica de prioridades.

Ao mesmo tempo, 16,9% disseram guardar dinheiro para imprevistos e 19,5% selecionaram "outros", apontando diferentes métodos ou falta de modelos consistentes, o que pode revelar carência de instrução ou consciência, salientando a relevância de ações que incentivem maior educação financeira.

4.2 A educação financeira nas escolas com uso de tecnologia

À medida que a pesquisa foi sendo desenvolvida, buscou-se compreender a percepção dos alunos em relação à presença da educação financeira nas escolas, especialmente no que se refere ao uso de tecnologias como apoio ao processo de ensino e aprendizagem da educação financeira.

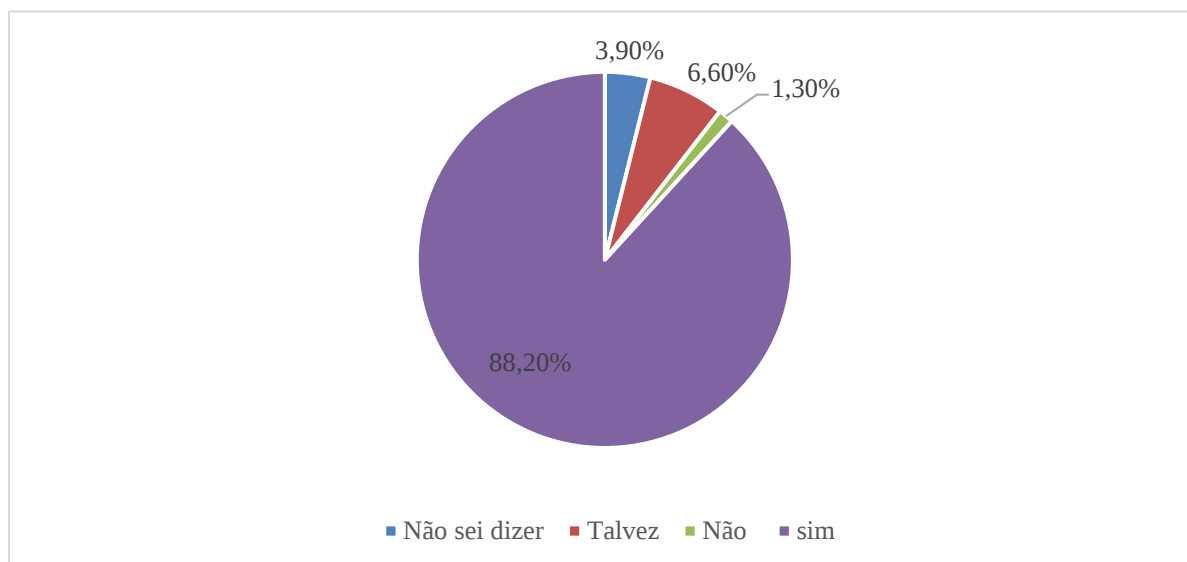


Figura 4: Você acha que as universidades como a UFPB devem participar do ensino de educação financeira dos estudantes de escolas públicas através de projetos de extensão?

Fonte: Autoria própria.

Como evidenciado na figura 4, é perceptível que os alunos demonstram grande interesse em se envolver em atividades de extensão. Quando perguntados, uma expressiva maioria,

precisamente 88,2%, declarou acreditar que a UFPB deveria se fazer presente no ensino de educação financeira nas escolas do Vale do Mamanguape. Uma pequena parcela de 3,90% admitiu não ter opinião formada sobre o tema, enquanto 1,3% expressaram discordância quanto à relevância da iniciativa e 6,60% demonstraram incerteza.

Os dados mostram que há um consenso entre os participantes sobre a importância de aproximar as universidades das escolas públicas da região, especialmente para tratar de educação financeira — um tema cada vez mais necessário nos dias de hoje.

Em um dos questionários, perguntamos quais assuntos deveriam ser prioridade nas escolas do Vale do Mamanguape. Entre as opções — orçamento familiar, poupança, dívidas e crédito, e planejamento para o futuro — a mais citada foi o planejamento, com 41,6% dos alunos demonstrando preocupação em economizar e se preparar melhor para o que vem pela frente.

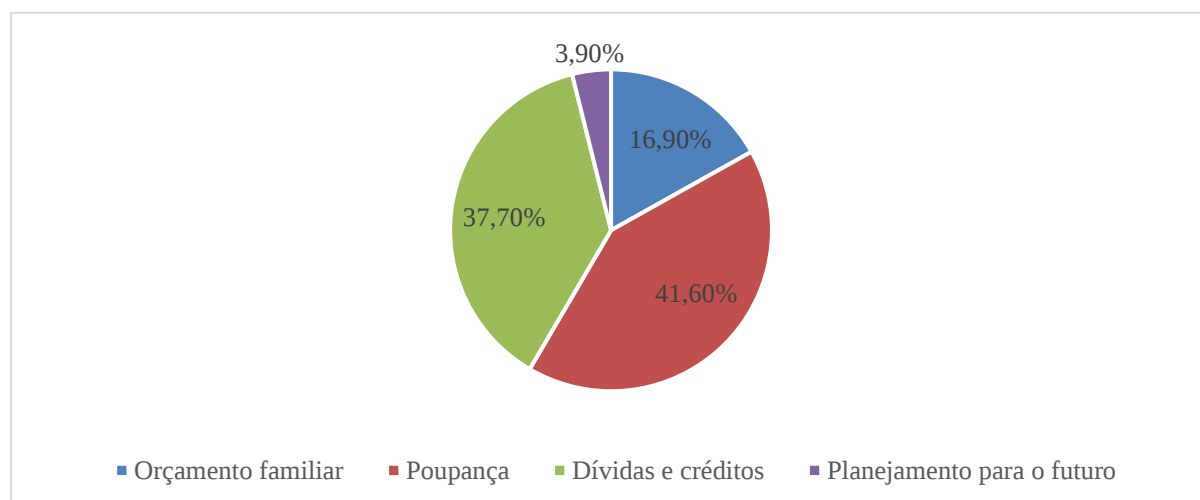


Figura 5: Quis temas de educação financeira você considera mais relevante para serem ensinados nas escolas do vale de Mamanguape?

Fonte: Autoria própria.

Os resultados da figura 5 mostraram que, 41,6% dos estudantes estão preocupados com a importância de economizar e se preparar para o futuro. Em segundo lugar, com 37,7%, está a preocupação com o consumo e o uso de instrumentos financeiros, como cartão de crédito, indicando um receio precoce com dívidas. Já 16,9% dos alunos escolheram a opção orçamento familiar, mostrando a relevância da organização das finanças em casa. Tudo isso reforça a importância de projetos de educação financeira para os jovens do Vale de Mamanguape.

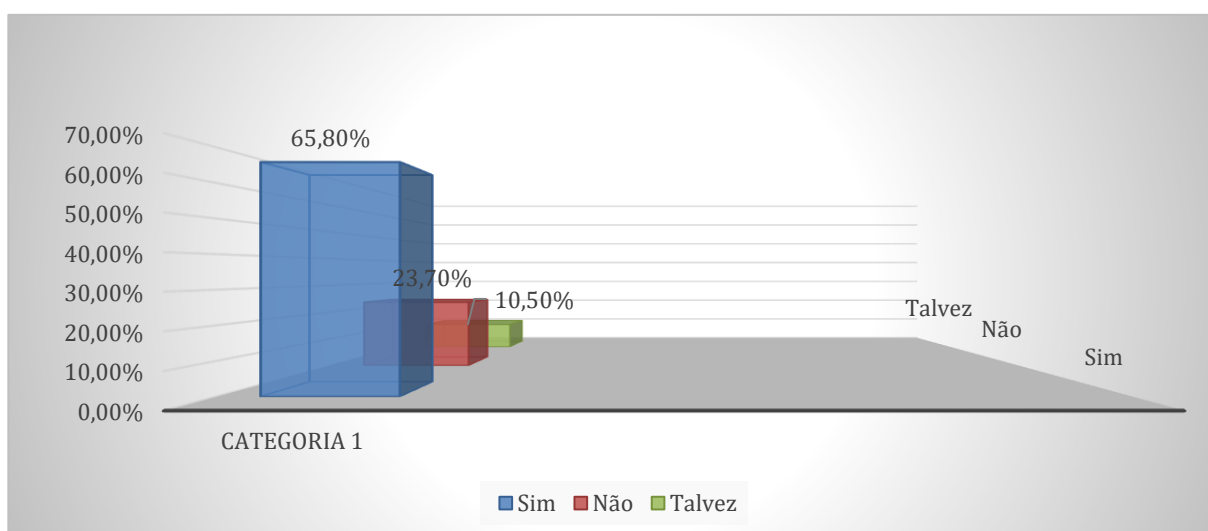


Figura 6: Você teria interesse em participar de programas da UFPB relacionados a educação financeira?
Fonte: Autoria própria.

Quando perguntados sobre a possibilidade de se envolverem em iniciativas de educação financeira oferecidas pela UFPB, verificou-se que 65,8% dos participantes demonstraram interesse positivo. Por outro lado, 10,5% expressaram uma resposta negativa, enquanto 23,7% indicaram indecisão conforme ilustrado na figura 6 abaixo. Tais estatísticas evidenciam que, apesar do interesse geral, ainda há um grupo a ser conquistado, ressaltando a necessidade de abordagens que façam os projetos mais convidativos à população.

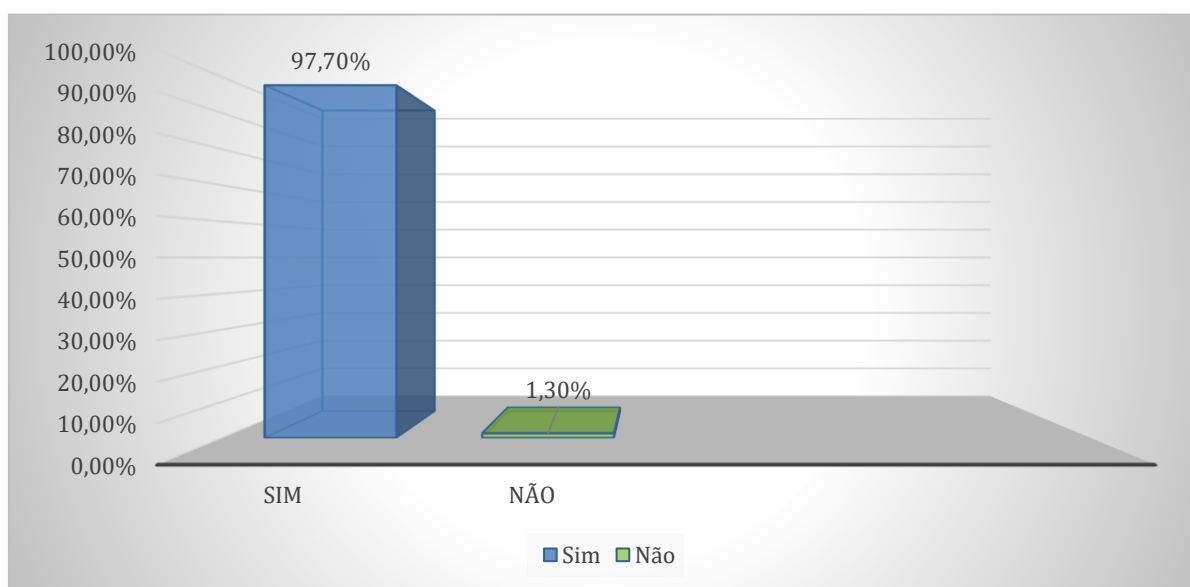


Figura 7: Você considera que o uso de tecnologias como jogos educativos, cursos online pelo Meet ou mesmo aplicativos de finanças pessoais pode ajudar no controle financeiro?
Fonte: autoria própria.

Foi perguntado para alunos se eles consideram que o uso de tecnologias como jogos educativos, cursos online pelo Meet ou mesmo aplicativos de finanças pessoais, possa ajudar no controle organizacional pessoal foi observado a quase totalidade dos alunos 98,7% acreditam ser de grande relevância o uso da tecnologia para a ajuda do controle financeiro pessoal, já 1,3% responderam que não.

Por fim, foi realizada uma pergunta subjetiva onde os entrevistados puderam deixar sugestões sobre como a UFPB pode se aproximar mais dos estudantes do Vale de Mamanguape, as respostas destacam a importância de integrar projetos de educação financeira nas escolas públicas, com a participação de docentes e estudantes de cursos como administração, economia, matemática e contabilidade. As Sugestões incluem: Implementação de Projetos, Aulas na UFPB, Palestras e Apresentações, aumentar a oferta de projetos, incentivos financeiros e mais ofertas de cursos de extensão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa investigou a maneira como os estudantes da região do Vale do Mamanguape lidam com questões de educação financeira, procurando compreender de que forma a Universidade Federal da Paraíba (UFPB) pode ampliar seu impacto nas escolas públicas da região. As avaliações constataram que, apesar do saber sobre finanças pessoais ser restrito, os alunos demonstram grande abertura para aprender e se envolver em iniciativas ligadas ao tema.

As respostas reunidas através de entrevistas e formulários mostraram que, mesmo tendo algum contato prévio com o assunto, vários alunos ainda mostram problemas para entender elementos fundamentais, como o planejamento de gastos, o uso responsável do crédito e o gerenciamento financeiro a longo prazo.

Essa falta de conhecimento pode influenciar tanto as escolhas imediatas quanto as futuras, prejudicando a segurança financeira desses jovens. Diante disso, o envolvimento dos alunos do curso de Ciências Contábeis da UFPB como disseminadores de conhecimento se apresenta como uma tática proveitosa. A troca de conhecimentos entre universitários e alunos do ensino fundamental e médio cria um ambiente de aprendizado mais próximo da realidade dos estudantes, aumentando o engajamento nas atividades.

A pesquisa revelou também um grande interesse dos alunos das escolas públicas em participar de projetos da universidade, mostrando o potencial das ações de extensão em educação financeira. Essas iniciativas contribuem não só para o aprendizado, mas também para o desenvolvimento da autonomia, da responsabilidade e do pensamento crítico sobre o uso do dinheiro.

Os dados reforçam ainda a importância de incluir a educação financeira de forma contínua e integrada no cotidiano escolar, e não apenas em ações pontuais. A ausência dessa base sólida pode levar os jovens a hábitos financeiros inadequados e escolhas pouco conscientes no futuro, reforçando o papel essencial da escola e da universidade na construção de uma cultura de responsabilidade econômica.

É importante ressaltar que os próprios estudantes universitários da UFPB se beneficiam desse processo, aprimorando suas habilidades profissionais, a empatia social e o senso de cidadania ao aplicarem seus conhecimentos e contribuírem diretamente com a realidade da comunidade local do Vale de Mamanguape.

Por fim, destaca-se a relevância da atuação do professor Joseilme Fernandes Gouveia, orientador deste trabalho e idealizador do projeto de extensão que promove a educação financeira nas escolas do Vale do Mamanguape. Sua contribuição foi essencial tanto na condução técnica quanto no estímulo à reflexão crítica sobre o papel da universidade na promoção da transformação social na região.

Dessa maneira, os resultados desta investigação ratificam a importância de ampliar as iniciativas pedagógicas concernentes à educação financeira, atentando para as particularidades da região e a premente necessidade de capacitar os jovens para encarar os percalços econômicos do dia a dia. Quando explorada de forma acessível, contextualizada e imbricada à realidade dos estudantes, a educação financeira pode impulsionar transformações profícuas tanto no âmbito individual quanto no coletivo.

Constata-se, portanto, que o desenvolvimento de programas voltados à educação financeira nas escolas públicas do Vale do Mamanguape traduz um caminho eficiente para promover a inclusão social, o pensamento crítico e o desenvolvimento das comunidades locais. Espera-se que esta pesquisa contribua com novas reflexões e incentive práticas permanentes nas instituições de ensino, capacitando os jovens para uma vida financeira mais estável, consciente e segura.

Referências

BRÖNSTRUP, Tatiéli Monique. **Educação financeira nas escolas: Estudo de caso de uma escola privada de ensino fundamental no município de Santa Maria (RS)**. 2016.

DORNELLAS, Helena Siqueira. **Ponte Entre A Economia Tradicional E As Novas Economias**. Clube de Autores, 2020.

FERNANDES, André Henrique de Souza; CANDIDO, João Gremmelmaier. **Educação financeira e nível do endividamento: relato de pesquisa entre os estudantes de uma instituição de ensino da cidade de São Paulo**. Revista Eletrônica Gestão e Serviços v, v. 5, n. 2, p. 894-913, 2014.

GILOVICH, Thomas; GRIFFIN, Dale; KAHNEMAN, Daniel (Ed.). **Heuristics and biases: The psychology of intuitive judgment**. Cambridge university press, 2002.

HARTMANN, Andrei Luís Berres; MARIANI, Rita de Cássia Pistóia; MALTEMPI, Marcus Vinicius. **Educação Financeira no Ensino Médio: uma análise de atividades didáticas relacionadas a séries periódicas uniformes sob o ponto de vista da Educação Matemática Crítica**. Bolema: Boletim de Educação Matemática, v. 35, p. 567-587, 2021.

JANISCH, Adriane Beatriz Liscano; JELINEK, Karin Ritter. **Explorando a educação financeira no ensino fundamental: um estudo de possibilidades a partir das orientações da BNCC**. Brazilian Journal of Development, v. 6, n. 7, p. 48324-48342, 2020.

KAHNEMAN, Daniel. **Dois sistemas na mente**. Boletim da Academia Americana de Artes e Ciências, v. 65, n. 2, pág. 55-59, 2012.

LUSARDI, Annamaria; MITCHELL, Olivia S. **The economic importance of financial literacy: Theory and evidence**. American Economic Journal: Journal of Economic Literature, v. 52, n. 1, p. 5-44, 2014.

MARTINELLI, Denise. **Importância do planejamento no cotidiano das famílias: um estudo bibliográfico sobre a educação financeira no ensino médio**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

MUNIZ, I. Jr. **Econs ou Humanos? Um estudo sobre a tomada de decisão em Ambientes de Educação Financeira Escolar**. 2016. 411 f. Tese (doutorado em Engenharia de Produção) – Instituto Alberto Luiz Coimbra da UFRJ, Brasil, 2016.

NORBIATO, Elizabeth Maria Rodrigues. **A música "estudo errado" de Gabriel pensador: uma crítica à situação escolar e às políticas públicas de educação no Brasil**. Contemporary Journal, 3(10): 17488-17509, 2023. 22p.

OLIVEIRA, Anaelize dos Anjos. (2017). Educação financeira nos anos iniciais do ensino fundamental: como tem ocorrido na sala de aula? [Dissertação de mestrado em Educação Matemática e Tecnológica, Universidade Federal de Pernambuco]. f.161.

PEREIRA, Adriana Soares et al. **Metodologia da pesquisa científica**. Brasil, 2018.

ROSSETTO, Júlio César et al. **Educação financeira crítica: a gestão do orçamento familiar por meio de uma prática pedagógica na educação de jovens e adultos**. 2019. Dissertação de Mestrado. PPGECE; Ensino de Ciências Exatas.

SAMSON, A. **A Economia Comportamental**. In: Guia de Economia Comportamental e Experimental. 1ª ed. São Paulo: Economia Comportamental.org, 2015.

SERASA. **Mapa da inadimplência e renegociação de dívidas no Brasil**. Disponível em: www.serasa.com.br. Acesso em: 21 abr. 2025.

SOFKA, Wolfgang; GRIMPE, Christoph; KAISER, Ulrich. **Compreendendo as regras não escritas do jogo: experiência profissional governamental e bônus salariais em subsidiárias de multinacionais estrangeiras**. *Journal of International Business Studies*, v. 53, n. 6, p. 1110-1132, 2022.

VIEIRA, Glauciane da Silva. **Educação financeira e tomada de decisão: significados produzidos por estudantes do 5º ano do ensino fundamental**, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/39776>. Acesso em: 12 set. 2024.

XAVIER, Beatriz Ribeiro et al. **EDUCAÇÃO FINANCEIRA: Influência dos fatores demográficos e socioeconômicos na atitude e comportamento financeiro de estudantes do ensino médio**. *Revista Estudos e Pesquisas em Administração*, v. 5, n. 2, 2021.

Anexos

Formulário do googles forms:

ant  ☆ Todas as alterações foram salvas no Google Drive

Perguntas Respostas 78 Configurações

Questionário de Pesquisa: A Atuação de Estudantes de Ciências Contábeis na Promoção da Educação Financeira no Vale de Mamanguape-PB

O(a) Sr.(a) está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa a Atuação de Estudantes de Ciências Contábeis na Promoção da Educação Financeira no Vale de Mamanguape-PB: Que está sendo desenvolvido pelo aluno Janiedson Maíke Silva da Costa, aluno do Curso de Ciências Contábeis - Campus IV da Universidade Federal da Paraíba, sob orientação do(a) Prof. Dr. Joseilme Fernandes Gouveia.

A finalidade desta pesquisa é compor meu Trabalho de Conclusão de Curso - TCC.

Solicitamos a sua colaboração para responder o questionário anexo, como também a sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de Ciências Contábeis e publicar em revista científica (se for o caso). Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo. Informamos ainda que essa pesquisa não oferece risco, previsíveis, para sua saúde.

Esclarecemos que a sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá dano algum. Os pesquisador(es) estarão a sua disposição para quaisquer esclarecimentos que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa. Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor entrar em contato com o(a) pesquisador(a): Janiedson Maíke Silva da Costa graduando(a) em Ciências Contábeis pela Universidade Federal da Paraíba, Campus IV. E-mail: janiedsoncosta644@gmail.com

Orientador: Prof. Dr. Joseilme Fernandes Gouveia. E-mails: joseilme@dcx.ufpb.br

B *I* U    
